



unplace

arte em rede: lugares-entre-lugares

Exposição unplace

No momento actual, em que o Digital já não configura uma novidade tecnológica e em que o seu uso quotidiano – corrente ou elaborado – se tornou consideravelmente comum e familiar, importa notar como a produção de exposições, virtuais e *online*, dedicadas sobretudo à Internet Arte e às práticas artísticas decorrentes dos media computacionais, se confronta ainda com um conjunto de variáveis que condiciona, mas não necessariamente limita, as suas formas de concretização e fruição. Destas variáveis, destaca-se: o facto de apenas uma minoria de artistas contemporâneos recorrer às possibilidades da tecnologia virtual para a produção das suas obras e para a sua instalação *online*; o custo elevado e bastante desigual desta tecnologia avançada; o interesse menor dos agentes de distribuição e conservação (galerias, coleccionadores, críticos, museus) por este género artístico; a pouca visibilidade/acessibilidade da Internet Arte, mesmo junto dos que visitam com assiduidade o espaço público virtual.

Simultaneamente, existe também um outro conjunto de variáveis que resulta do uso das tecnologias digitais na criação e na exposição de obras de arte e que, a vários níveis, tornam estas obras num enorme e estimulante desafio curatorial. Se, por um lado, nos referimos a obras de arte sem referente físico que convocam sobretudo os sentidos associados aos regimes do visual, do auditivo e do cinestésico, estas obras ainda não são cinema, ou talvez sejam já ‘depois do cinema’ – propondo novas tipologias narrativas, operando de acordo com máquinas e rituais de produção próprios, reconfigurando a sua recepção em comunidades mutáveis de públicos. Por outro lado, falamos de objectos artísticos que são extremamente maleáveis e imprevisíveis, uma vez que sua aparente bidimensionalidade pode, muitas vezes – por efeito de falsificação de perspectiva e de infinitas qualidades de movimentos –, resultar numa volumetria que potencia efeitos de paralaxe, de caleidoscópio, de contracção e de amplificação de escala, capazes de desafiar de forma inédita a condição do público observador e dos seus mecanismos de apreensão e recepção.

Se a natureza destas obras se adequa a museus sem lugar próprio, esta ausência de um lugar fixo, de residência ou de acervo, não limita os espaços de visita artística. Pelo contrário, uma das mais abertas questões relacionadas com estas novas tipologias artísticas resulta exactamente do seu estado de tráfego permanente. O lugar destas obras é, pois, em lado nenhum e em toda a parte: elas podem aparecer no meio do fluxo de outras imagens, de dados, de gráficos, de correio virtual; podem furar filtros ou ser retidas por eles; podem ser codificadas e sujeitas a protocolos de acessibilidade; podem funcionar em infra-estruturas puramente virtuais, ou surgir associadas a outras, de limites físicos e tangíveis. Esta polivalência coloca estas obras em constante estado de mutabilidade e daqui vem parte do seu fascínio e da sua pertinência para a exposição ‘Unplace’.

A escolha das obras que aqui se apresenta não pretende historiar o percurso que a arte digital veio fazendo, desde os exemplos pioneiros da década de 1960, passando pelas experiências relacionadas com a primeira expansão da Internet, até à mais recente revolução da chamada Web 2.0, caracterizada pela emergência e alcance das redes sociais, das comunidades virtuais e dos meios participativos. Apesar de tomarmos em atenção a sedução fácil que a tecnologia do virtual, na sua sofisticação e espectacularidade, pode exercer, procurámos principalmente averiguar o efeito que o novo tipo de choque destes géneros artísticos pode produzir. Em particular, a exposição ‘Unplace’ privilegia as questões implícitas à arte digital mas, em especial, ao modo como esta circula e se expõe: pois são estas as razões das grandes perturbações ocorridas no domínio da criação e, principalmente, da sua recepção e conservação.

Para além do questionamento das funções e das instituições artísticas tradicionais, a frequência e a fluidez com que estas obras se manifestam no circuito entre produtores e recetores têm-nas tornado um meio quente, ultrapassando o estigma inicial que associava esta tecnologia a formas e figuras frias, como as da cibercultura e do pós-humanismo híbrido e temeroso. Encontramo-nos actualmente noutro tipo de cultura artística, cuja forte presença tecnológica, sendo tão corrente e ubíqua, não pode ser pensada sem uma perspectiva crítica que questione: a aparente democratização da Internet e da cultura de redes; as várias políticas que se apropriam e muitas vezes espectacularizam estes modelos de conectividade; a relação que existe entre o desenvolvimento tecnológico das máquinas de guerra e a sua reutilização nestas obras; quem gere, arquiva e, em última análise, faz circular tamanha produção de informação.

Tal reflexão serve também como estímulo curatorial para a investigação que apoia esta exposição, definindo uma necessária postura de crítica epistemológica. Onde estão afinal os poderes que controlam e legitimam toda esta quantidade de produção e experimentação artística, e quais as suas principais finalidades? E além disso, como é que esta arte reconfigura, ou não, as mais usuais e resistentes categorias artísticas?

O problema da autoria nestas novas formas é particularmente inovador pois assenta também em particulares dinâmicas de criação e de artista. Superando o modelo do criador solitário, encontram-se agora formas de colaboração entre agentes de formações disciplinares diferentes (às vezes radicalmente diferentes), entre autores que só se conhecem e comunicam no espaço virtual, ou entre artistas que assumem identidades diferentes das suas identidades civis. De particular interesse para a esta exposição são ainda os regimes autorais colectivos, que acolhem todos os que chamam à sua colaboração comunidades de cibernautas ou transeuntes episódicos, e se movem entre o espaço público real e o espaço público virtual.

Uma vez libertadas pelos seus criadores nestes incontroláveis ecossistemas, as obras de arte permanecem em trânsito constante, metamorfoseando-se indefinidamente em formas que escapam aos desígnios iniciais dos seus autores, e delineando territórios que estão continuamente *entre* uma coisa e outra – entre estados, pessoas, espaços e temporalidades. Perante esta crescente desmaterialização das práticas artísticas em zonas de contínua transição, sobrevivência e incompletude, a criação da obra de arte pode não ser muito mais que um perpétuo ponto de partida.

Curadoria de António Pinto Ribeiro e Rita Xavier Monteiro, com a colaboração de Helena Barranha, Susana Martins e Raquel Pereira